



**PRIMEIRO  
MINISTRO**

**ALOCUÇÃO DE  
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO  
KAY RALA XANANA GUSMÃO  
POR OCASIÃO DO VI FÓRUM DE DEMOCRACIA DE BALI**

**“Consolidação da democracia numa sociedade pluralista”**

Bali  
7 de Novembro de 2013



Palácio do Governo,  
Avenida Presidente Nicolau Lobato,  
Dili, Timor-Leste

Sua Excelência o Presidente da República da Indonésia, Dr. Susilo Bambang Yudhoyono

Vossa Majestade Sultão Hassanal Bolkiah Mu'izzaddin Waddaulah do Brunei Darussalam

Sua Excelência Dr. R.M. Marty M. Natalegawa, Ministro dos Negócios Estrangeiros da República da Indonésia

Excelências, Chefes de Delegações  
Senhoras e Senhores,

É com grande prazer que participo novamente no Fórum de Democracia de Bali. Esta é a sexta vez que me dirijo a este Fórum, tendo estado presente em todas as edições anteriores. Como tal, tenho podido observar o seu crescimento em termos de importância internacional e alcance global.

Este Fórum é claramente especial, uma vez que será o último realizado sob a presidência do meu querido amigo, Sua Excelência Dr. Susilo Bambang Yudhoyono. Nestes quase dez anos desde que assumiu a Presidência da República, o Dr. Yudhoyono transformou o País.

A Indonésia é hoje uma nação vibrante e tolerante, que celebra a sua diversidade com orgulho. É uma das grandes democracias do mundo e emerge actualmente como uma das principais nações emergentes a nível económico.

No próximo ano, quando cessar funções, o Presidente Yudhoyono deixará por certo o seu país numa posição muito mais sólida e mais forte do que estava quando assumiu a presidência.

Embora não tenha vindo aqui hoje para celebrar os feitos do Presidente Yudhoyono – haverá muito tempo para isso no próximo ano – gostaria de referir novamente a sua contribuição para a paz e a reconciliação com Timor-Leste.

Timor-Leste e a Indonésia têm agora um excelente relacionamento. Juntos conseguimos deixar para trás a nossa história difícil e construir laços de solidariedade, confiança e cooperação. Reconhecemos que Timor-Leste não partilha apenas uma ilha com a Indonésia – partilha também um futuro e um compromisso para com a democracia e os direitos dos nossos povos.

Vemos também a força do nosso relacionamento como um modelo importante em como, havendo boa vontade, é possível superar uma história de angústia e conflito, desde que haja uma perspectiva de futuro e uma liderança sólida.

O Presidente Yudhoyono é merecedor do nosso reconhecimento por nos guiar neste caminho de construção de relações de paz. De todos os líderes internacionais não há melhor amigo de Timor-Leste que o Presidente Yudhoyono.

Senhoras e Senhores,

Todos nos apercebemos da conjuntura difícil que o mundo atravessa. No mapa do mundo, os vários continentes ressentem-se do quase colapso do sistema mundial. Um sistema global de ineficácia de decisões quanto à derrapagem financeira que coloca centenas de milhões de pessoas, na própria Europa, na angústia pela sobrevivência diária.

Um sistema global que reflecte a intransigência dos decisores em preferir/optar sempre pela ameaça ou pelo uso da guerra, para engordar a grande indústria de armamento, a fim de “impor os valores universais”, em detrimento do diálogo e reconciliação.

Já afirmei e continuo a dizer que o continente africano se está a dilacerar, expondo-se a enormes sacrifícios das populações, que só meio século pode efectivamente reduzir, se se começar a tomar acções concretas para uma solução a longo prazo.

Logo desde o início, emiti as minhas reservas com relação ao entusiasmo que se alimentou quanto ao indevido uso da violência armada, de apoio à Primavera árabe, que está a provar, por factos, que não conseguiu instalar os valores universais, porque a primavera árabe alimentou destruição e matanças e aprofundou as discórdias na sociedade.

Numa altura em que o mundo em vias de desenvolvimento procura liderança a nível global, ficamos horrorizados. A Primavera Árabe transformou-se num pesadelo, com a transição para a paz e a liberdade a ser corrompida pela ganância de poder, pela vingança e pela intolerância.

Sempre fui contra a invasão no Iraque e a guerra no Afeganistão. As democracias ocidentais ajudaram a destruir a história milenar daqueles povos e o que se vê é o autoextermínio dos dois povos.

Claro que, perante tal resultado e perante a divisão que se criou dentro das populações desses países, ninguém terá moral para falar de direitos humanos e de democracia!

Como disse, desde o início do Fórum de Democracia de Bali, a democracia não é um fim em si mesmo, a democracia é um processo social e político, que tem muitas vertentes que devem ser consideradas no contexto de cada realidade.

Eu não consigo ver, no mundo inteiro, um exemplo que prove que a democracia, só por si, resolve todos os problemas políticos, sociais e económicos. O que eu reparo é que os grandes países desenvolvidos só estão capazes de impor regras a todo mundo, com convenções e tratados de toda a ordem, que eles próprios não cumprem, exigindo a outros países e sobretudo aos menos capazes para aderir, o que sempre vem provocar o início da sua própria agonia.

O que eu reparo é o falhanço global de um sistema onde prevalece a arrogância e onde a paranóia de alguns levou a um extremismo de actuações que ofende a sensibilidade humana.

Na velha Europa, a velha democracia só está a garantir direito a maciças manifestações e protestos, sem poder alterar a situação de miséria das suas populações. Uma Europa, fragilizada economicamente, só pode contemplar que a democracia afinal é apenas oportunidade para demagogias políticas e insossos debates sobre recuperação à custa da negação do pão ao estômago dos mais vulneráveis.

A Europa está a sofrer com a Crise Financeira Global, que derivou na Crise da Dívida Soberana em curso. Os países da Europa estão a passar por um ajuste de contas, após um período de comportamento financeiro insustentável. Isto contribuiu para um aumento da instabilidade e da insegurança, bem como para o surgimento de extremismo no seio de democracias pluralistas.

Com a liderança irresponsável dos elementos no poder e com a manipulação do sistema financeiro, a Europa enfrenta um futuro incerto de desemprego elevado e uma década perdida de crescimento económico.

Nos próprios EUA, dezenas de milhões de agregados familiares não têm comida e são obrigados a alistar-se para receber um prato da segurança social.

Afinal, em nenhum lado do mundo a democracia resolve tudo, embora se reconheça que é o sistema que pode garantir as liberdades individuais e os direitos cívicos dos cidadãos do mundo.

É verdade que no mundo inteiro vemos milhões de pessoas a saírem da pobreza, em especial na Ásia, mas também na América do Sul e na África.

Todavia, com o crescimento da classe média assistimos também ao aumento das tensões democráticas. À medida que os cidadãos ficam mais abastados, tornam-se também mais instruídos e desfrutam de acesso à internet e a ligações globais. Isto tem implicações profundas para a democracia, uma vez que leva os cidadãos a exigir mais dos seus governos. Quando os cidadãos atingem uma determinada prosperidade passam a exigir mais direitos e garantias. Estamos a assistir a isto de forma maciça, desde o Brasil até à Turquia, passando também, de outras formas, pelo meu próprio país, Timor-Leste.

Senhoras e Senhores,

Vemos também como os líderes de democracias orgulhosas não fazem um esforço por trabalhar juntos em prol de um futuro melhor, preferindo apelar ao lado mais feio da natureza humana e cair num padrão insensato de negativismo, partidarismo e conflito que chega a colocar em risco a estabilidade internacional.

Mas quando se fala de direitos cívicos, os quais são impostos para cumprimento nas novas democracias ou a países em processos de transição, são os poderosos que violam sem pudor os direitos cívicos não só dos seus cidadãos mas, mais escandalosamente, a cidadãos de outros países.

Ou estamos perante uma exacerbada desconfiança onde toda a gente é potencial inimigo, ou a testemunhar a fraudulenta utilização da tecnologia para obtenção de vantagens económicas sobre outros, o que é ainda mais imoral quando sobre os fracos e pequenos. Eu diria, com respeito pelas opiniões contrárias, que ambos os factos estão na origem desta falta de ética, desta falta de valores de justiça, desta falta de princípios de igualdade, em termos de direitos e obrigações.

No recente Diálogo de Shangri-La, em Singapura, apelei à sensibilidade dos poderosos para deixarem de 'rotular' pessoas, organizações e países como inimigos. Neste novo milénio, sejamos mais humanos, não sejamos demasiado radicais ao proclamarmos, por tudo e por nada, a defesa de pretensos interesses nacionais, violando os legítimos interesses de outros.

Numa altura em que nos perguntamos até que ponto uma sociedade pode ser democrática quando é governada por uns poucos que buscam os seus próprios interesses, importa ter presente que as democracias enfrentam também outras preocupações e desafios.

Pergunto a todos vós se podemos realmente afirmar que vivemos em democracia quando estamos sujeitos a ser vigiados. Agora que as tecnologias de informação fazem parte das nossas vidas, precisamos considerar o impacto na democracia quando as nossas comunicações são vigiadas por terceiros. Esta não é apenas uma questão de privacidade e de liberdade pessoal. Para algumas nações do mundo, o que está em causa é o verdadeiro conceito de soberania. Para uma nação pequena como Timor-Leste, com recursos limitados, isto significa que podemos estar a ser vigiados por nações que irão utilizar essas informações para os seus interesses nacionais.

A democracia enfrenta igualmente outros desafios e lamento dizer que muitas nações democráticas não os estão a conseguir abordar.

Vemos demasiadas democracias no mundo inteiro capturadas por uma elite dominante, com muitos destes elementos a ser apoiados por uma indústria financeira arruinada. Embora seja claro que as finanças globais de mercado livre falharam, continuamos a ver a indústria financeira perpetuar e reforçar a desigualdade.

A Crise Financeira Global veio pôr a nu o mundo das finanças e revelar incompetência grosseira, ganância desmedida e corrupção sistémica. O problema foi que, embora ninguém no mundo desenvolvido tenha assumido responsabilidade pela Crise, quem mais sofreu foram os cidadãos pobres e vulneráveis do mundo.

É como se a indústria financeira mundial transcendesse ou simplesmente ignorasse a democracia, e agisse com ganância desmedida em prol dos seus próprios interesses, ignorando o sofrimento dos pobres e alimentando as chamas do conflito e da fragilidade.

É necessário tomar acções fortes para responsabilizar as elites poderosas mundiais e para dar resposta à desigualdade crescente e indefensável. Sem abordar a pobreza e a

desigualdade a coesão social e a estabilidade das democracias pluralistas estará em risco.

Senhoras e Senhores,

Agora, olhemos para a Ásia, à qual pertencemos. Estamos perante o século asiático e compreendemos que isto diz respeito ao crescimento económico, o qual depende também do poder de compra dos países desenvolvidos.

A região da Ásia não está imune aos problemas de estabilidade e aos problemas de desigualdades socioeconómicas.

A diversidade conceptual de sistemas políticos pode ser vista como um ponto fraco, pelo que deve merecer sempre a nossa ponderação e gradual motivação para as mudanças que, a seu tempo, virão por elas próprias e nunca devem ser impostas de fora, em convulsões como foi no Médio Oriente, e em avalanche como aconteceu no norte da África

Pergunto também onde fica o respeito pela democracia e direitos humanos, bem como a solidariedade internacional, quando vemos nações inteiras, como a República de Kiribati, as Ilhas Marshall e Tuvalu, a afundar-se lentamente na imensidão do oceano em resultado das alterações climáticas.

Isto não quer dizer que não há progresso rumo à democracia e à paz. Timor-Leste olha para a ASEAN como um exemplo do sucesso que as zonas regionais podem ter na promoção da cooperação, progresso e desenvolvimento.

Senhoras e Senhores,

Isto traz-me à situação da Guiné-Bissau, onde a democracia está fortemente ameaçada há mais de 30 anos, tornando o país num Estado falhado. A Guiné-Bissau foi em tempos um país que inspirou os timorenses, dado que liderou os países lusófonos na luta pela independência. Trata-se assim de um país com uma história orgulhosa e digna, que se vê envergonhado por uma sucessão de líderes motivados por interesses pessoais em vez de pelos interesses nacionais.

Visitei recentemente a Guiné-Bissau juntamente com o líder da oposição timorense, o Dr. Mari Alkatiri, para determinar se havia algo que pudéssemos fazer para recolocar o país no caminho para a democracia. Queríamos mostrar como Timor-Leste superou uma história amarga de animosidade e começou a trabalhar unido em prol do nosso povo, no contexto de uma democracia sólida. Enquanto líder do g7+, um grupo que reúne 18 nações frágeis e afectadas por conflitos, temos igualmente a responsabilidade de apoiar outras nações frágeis no mundo. O nosso querido irmão, Dr. José Ramos-Horta, tem a tarefa difícil de liderar a missão da ONU na Guiné-Bissau, pelo que quisemos apoiar os seus esforços de orientar a nação para o processo eleitoral e para a democracia.

Enquanto lá estivemos, membros da sociedade civil, intelectuais, mulheres, jovens e líderes políticos e militares da Guiné-Bissau fizeram uma declaração de princípios

conjunta para demonstrar à comunidade internacional o seu empenho total na restauração da ordem constitucional e da democracia no seu país. Isto foi um reconhecimento de que o país e os seus líderes tinham perdido o norte e que era agora necessário agir em prol do interesse nacional.

O golpe de estado de Abril de 2012 resultou na imposição de sanções por parte da Comunidade Internacional.

Em Nova Iorque e em Washington transmitimos às Organizações Internacionais que precisamos de agir agora se queremos ajudar o povo da Guiné-Bissau a ter um novo futuro caracterizado por um Estado de direito, por justiça social e pela democracia.

Timor-Leste está a fazer o que pode, indo fornecer 6 milhões de dólares em equipamento e assistência técnica e estando a trabalhar juntamente com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento na Guiné-Bissau com vista a apoiar o processo eleitoral. A Nigéria e a Nova Zelândia também se comprometeram a prestar assistência, pelo que apelo à comunidade internacional em geral que apoie a restauração da democracia na Guiné-Bissau, através do envio de arroz para diminuir o sofrimento da população. Timor-Leste pode ser o ponto focal na Ásia para este fim.

Pode parecer estranho que Timor-Leste, uma das nações mais pobres do mundo, esteja a fornecer ajuda à Guiné-Bissau, porém recordamo-nos da generosidade das muitas nações espalhadas pelo mundo que nos apoiaram quando iniciámos o nosso caminho rumo à paz e à estabilidade. Sabemos também que a democracia merece o investimento.

Vale a pena lembrar que o principal objectivo do Fórum de Democracia de Bali é promover “o desenvolvimento político através do diálogo e da cooperação para fortalecer a adesão aos valores democráticos e para desenvolver instituições democráticas.”

A Guiné-Bissau pode estar muito longe da Ásia, porém beneficiará igualmente do desenvolvimento de uma democracia vibrante.

Ainda na África, assistimos a desenvolvimentos positivos noutro Estado membro do g7+, a República Democrática do Congo, que parece estar pronta a por fim ao conflito armado que dura há já muito tempo. Apelo às autoridades e ao povo da RDC para que tenham moderação e evitem comportamentos vingativos. A paz, obtida sempre a um custo elevado, precisa ser alimentada com diálogo e tolerância.

Senhoras e Senhores,

Realmente, o tema desta Conferência é não só pertinente como actualíssimo – o grande desafio para as sociedades pluralistas é de como consolidar a democracia.

No que nos toca, directamente, gostaria de abordar o tema sob estes aspectos:

- o aspecto político de consolidação do Estado
- o aspecto socioeconómico de coesão da Nação

Em relação ao primeiro aspecto,

Se a democracia é a expressão/manifestação da vontade do povo, os órgãos eleitos devem, por razão das aspirações do povo, fazer tudo para que o aparelho do Estado seja forte, isto é, credível, responsável e justo, no cumprimento dos objectivos centrais do Estado.

Por via dessa razão, as pessoas eleitas devem fazer prevalecer os interesses nacionais sobre todos e quaisquer outros interesses.

O sistema de equilíbrio de poderes deve ser operacional e operativo e, sobretudo, consistente para se garantir o Estado de direito.

Os órgãos eleitos devem usar a democracia, como instrumento positivo de debate para a construção e/ou consolidação da Nação.

Em relação ao segundo aspecto,

A sociedade deve adoptar uma cultura de tolerância e de diálogo franco e honesto em prol da solução de conflitos.

A sociedade civil (ONGs e Imprensa) deve assumir uma atitude crítica mas com responsabilidade, para não fomentar cisões desnecessárias e evitáveis que, a desenvolver-se, podem criar fossos profundos na sociedade, dificultando o desenvolvimento do país.

Os cidadãos devem assumir um espírito patriótico positivo, para não cair em manipulações que visam enfraquecer a soberania nacional.

Os governantes devem poder apresentar programas concretos e a prazo para a eliminação da pobreza e situações de marginalização, factor social que está na raiz de várias convulsões que assistimos em muitos países desenvolvidos e em vias de desenvolvimento.

As confissões religiosas devem advogar pela moderação, pela fraternidade e pelos valores humanos de solidariedade e de paz de espírito.

Neste novo milénio, ponhamos fim às guerras para darmos lugar ao florescimento da democracia. Só quando a democracia se desenvolve e se fortifica, nas condições intrínsecas dos países em processo, é que se pode vislumbrar um ambiente de paz em todo o planeta e para toda a humanidade.

Só o diálogo construtivo, persistente e cuidadoso pode mudar a actual inflexibilidade das várias partes e isso tem que começar nos grandes círculos de decisão.

Apelo aos participantes deste Fórum para que façamos tudo o que estiver ao nosso alcance para dar resposta aos problemas que o mundo enfrenta. Os líderes devem

promover as possibilidades de progresso, reconciliação e tolerância, em vez de se limitarem a pôr culpas uns nos outros e a ter uma linguagem de conflito.

Senhoras e Senhores,

Por fim, quero agradecer novamente ao meu querido amigo, Sua Excelência Dr. Susilo Bambang Yudhoyono, pela sua liderança e amizade.

Não tenho dúvidas de que este Fórum será um legado duradouro que contribuirá para a paz e a estabilidade dentro e fora da nossa região.

Muito obrigado!

Kay Rala Xanana Gusmão  
7 de Novembro de 2013